

ARTE E IMAGEM

O futuro na cor?

Roberto Conduru



As obras têm autonomia em relação às idéias que as forjaram ou não conseguem delas se liberar? As imagens admitem toda e qualquer leitura? Podemos pensar as relações entre idéias configuradas visual e verbalmente com *"As três raças"*, obra da década de 1930, de Belmonte, ou **Benedito Carneiro Bastos Barreto** (São Paulo, 1896-1947), que incomodou a muitos com suas críticas veiculadas em ilustrações, caricaturas e charges. Com poucas cores, dois pares de tons opostos no espectro cromático – preto e branco, verde e vermelho –, aplicados em chapadas homogêneas, ele recorta planos que, mais do que delinear figuras, configura uma paisagem cultural: diferenças, interações, hierarquias.

A economia das cores é simbólica: identificam e atribuem valores aos seres e objetos representados. O vermelho usado para o índio é um indício da natureza, à qual os nativos americanos parecem eternamente vinculados, pois remete ao Pau-Brasil, a árvore sanguínea que, além de ter gerado muita riqueza para os colonizadores, deu o nome à colônia e, depois, ao país. O africano é representado em preto, em referência óbvia à pele dos nativos na África, o que reitera a fixação dos mesmos como uma única raça em vez de pertencentes a diferentes sociedades. O plano verde configura mar e montanha: tanto, especificamente, o oceano Atlântico e o continente americano, locais do jogo sócio-cultural, quanto, de modo geral, a natureza a unificar as raças. Pequenos toques brancos aparecem no cocar do índio, em componentes do navio e na orelha do negro. O europeu é representado pela caravela, que surge em negativo, a partir do delinear das outras figuras, e tem a cor do papel – modo de figurar que associa embarcação e papel como símbolos civilizatórios em oposição aos elementos circundantes.

Não está a potência gráfica da obra a serviço da “fábula das três raças”? Não é ela uma ilustração da idéia de superioridade dos europeus brancos sobre os nativos e os africanos? Sim, em *“As três raças”*, Belmonte ilustra e defende os preconceitos da época: a inferioridade dos africanos e afro-descendentes frente aos índios e, sobretudo, aos portugueses. As tão bem aplicadas cores delineiam estereótipos: o africano é um guerreiro cabisbaixo, cujas armas pouco se diferenciam de seu corpo – sinal da fraqueza de sua cultura, vista como primitiva –, e está subjugado pela caravela portuguesa – signo da moderna tecnologia européia –, pela montanha e pelo indígena – símbolos da natureza pujante e atemporal americana.

A obra é, portanto, uma expressão visual do racismo pseudocientífico vigente quando foi produzida, que defendia o branqueamento da população brasileira. Como não há o tom crítico usualmente atribuído ao trabalho de Belmonte, com essa imagem ele se perfilou àqueles que defendiam (e

defendem) uma hierarquia das raças que asseguraria a superioridade dos brancos como grupo dominante na sociedade brasileira.

Contudo, ficam perguntas. Com a passagem do tempo essa obra escapou ao ideário que a estimulou e respaldou? Ela admite outras visadas?

Forçando a leitura, é possível lê-la como um instantâneo, uma fração de um movimento, como se o negro estivesse levantando sua cabeça, se reerguendo, para se contrapor às injúrias, perseguições e violências historicamente sofridas. Um tanto factível, essa leitura ainda insiste, contudo, na existência das raças, na diferenciação e no acirramento das relações entre elas.

Outro caminho interpretativo mais livre é atentar para os pontos em branco – essa cor anterior às cores e na qual todas se irmanam – que iluminam pontualmente nativos, europeus e africanos, e vê-los como indícios de outra conjuntura na qual a idéia de raça esteja superada e os humanos, unificados na construção de quadros sociais mais justos e harmônicos. Leitura que põe em suspenso a questão da cor.

REFERÊNCIAS

- A obra: Belmonte. *As Três Raças*, déc. 1930. Grafite e guache sobre papel, 44 x 34 cm.
- Lilia Moritz Schwarcz. *O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.

sobre o(a) autor(a):

Historiador da arte, professor no ProPEd e no PPGARTES na UERJ, pesquisador com bolsas Pró-ciência FAPERJ/UERJ e de produtividade do CNPq.